

## **A RESSURREIÇÃO E A (RE)CONFIGURAÇÃO DA VIDA CRISTÃ**

THE RESURRECTION AND THE (RE)CONFIGURATION OF THE CHRISTIAN LIFE

*Ederson Malheiros Menezes<sup>1</sup>*

### RESUMO

Enfrentar a realidade da morte com a esperança cristã é uma dádiva. Por meio desta pesquisa se oferece conhecimento sobre uma das principais doutrinas da fé cristã: a ressurreição de Jesus Cristo. Por meio desta leitura será possível observar o impacto da ressurreição de Jesus sobre seus primeiros discípulos, o caráter da Sua ressurreição e as implicações práticas para a vida cristã.

**Palavras-chaves:** Ressurreição. Vida Cristã. Jesus Cristo. Discípulos.

### ABSTRACT

Facing the reality of death with Christian hope is a divine gift. This research offers knowledge about one of the major doctrines of the Christian faith: the resurrection of Jesus Christ. Through this reading it will be possible to observe the impact of the

---

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (RS), com revalidação pela Faculdade Sul Americana (Londrina-PR), graduando do curso de Sociologia (licenciatura) pela Unijuí (Ijuí/RS). É especialista em docência no ensino superior pela Unipan (Cascavel/PR), especialista em docência e tutoria em EaD pela PUC (Porto Alegre/RS) e mestre em divindade (curso livre) pelo Seamid (Cascavel/PR). É professor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e pastor da Igreja Batista Emanuel (Panambi/RS). E-mail: [educacaoteologica@hotmail.com](mailto:educacaoteologica@hotmail.com)

resurrection of Jesus on his first disciples, the character of His resurrection and the practical implications for the Christian life.

**Keywords:** Resurrection. Christian Life. Jesus Christ. Disciples.

## I. INTRODUÇÃO

Em meio a um mundo tão agitado, imprevisível e competitivo a vida segue uma dinâmica que parece configurar-se como eterna. Realidade que apesar do confronto quase diário com o quadro da morte não consegue ceder espaço para a possibilidade de se pensar diretamente no além-túmulo.

O enigma do evento da morte e do ato de morrer acompanha a vida de todos os homens, mas muitos, ou a maioria, fazem do curso de seus dias um constante agir com vista em um futuro histórico, sem considerar a possibilidade de morrer.<sup>2</sup>

A máxima é viver tão intensamente quanto possível, sem pensar muito na morte ou mesmo naquilo que pode vir a ser depois dela. A vida nesta configuração constitui-se em futilidade e insegurança ao ser humano frente a sua finitude - ansiedade e desespero disfarçados de “vida”. Mas um fato específico na história da humanidade transformou as relações, a visão de mundo, da morte e até mesmo da própria vida. E os primeiros a experimentar essa transformação foram os discípulos de Jesus.

A partir do Evangelho de Lucas capítulo 24 (Lc 24) são mencionadas as evidências para os discípulos que possuíam inicialmente uma indisposição quanto a crer na ressurreição de Jesus. Mas esta indisposição foi logo superada pelas provas apresentadas.<sup>3</sup>

O dicionário bíblico destaca a importância de observar que Jesus ensinou sobre a ressurreição antes dela acontecer. E ainda depois de considerar especulações possíveis quanto a ressurreição de Jesus, faz afirmação do valor e profundidade do testemunho registrado na Bíblia acerca dos discípulos que mudaram seu comportamento e sua tradição enfrentando até mesmo a morte.<sup>4</sup> Uma fraude era impossível (Mt 27.63-66), pois Jesus deu provas infalíveis de sua ressurreição (Lc 24.35,39,43; Jo 20.20,27; At 1.3).<sup>5</sup> Morris, comentando a lista de testemunhas da ressurreição apresentada por

<sup>2</sup> FÁRBER, Sonia Sirtoli. *A morte na teologia e na literatura*. Porto Alegre: Palloti, 2009. p. 103.

<sup>3</sup> MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991. p. 57.

<sup>4</sup> MORRIS, Leon. *Ressurreição*. In: DOUGLAS, J. D. (Edit.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1394-1397.

<sup>5</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 5, p. 679.

Paulo (1Co 15.5-7), observa que a insistência dele em dizer que a maioria ainda estava viva demonstra a confiança que se pode ter a partir de tal testemunho.<sup>6</sup>

Após a sua ressurreição, Jesus apareceu aos seus seguidores em dez ocasiões que estão registradas nas Escrituras.<sup>7</sup> O número de vezes que Jesus aparece para diferentes pessoas impressiona e fornece um relato com expressões diversas: espanto, medo, incredulidade, alegria, adoração e assim por diante. Bancroft relaciona as aparições de Jesus ressurreto (At 1.1-3) indicando que Ele apareceu como Consolador a Maria (Jo 20.16), como concretização da alegria restaurada às mulheres (Mt 28.5,8,9), como restaurador de almas para Pedro (Lc 24.34 - comparar com Sl 23.3; Mc 16.7), como simpatizante instrutor para os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.13-32), como doador da paz aos discípulos no cenáculo (Jo 20.19), como confirmador da fé para Tomé (Jo 20.26-29), como interessado nas atividades diárias da vida para João e Pedro (Jo 21.5-7) e como concretização de chefia e autoridade para todo o grupo de discípulos (1Co 15.4-7).<sup>8</sup>

Na caminhada com Jesus os discípulos tiveram suas vidas cheias de esperança em relação a mensagem do Reino até o momento em que viram Jesus entregando-se para morrer. Então a esperança foi abatida e substituída por medo e desorientação diante da morte e do sepultamento de Jesus. Porém, o que se destaca agora é a transformação desta realidade de medo na vida dos discípulos por ousadia como fruto do evento que deu origem à igreja e se tornou o centro da mensagem cristã: a ressurreição de Jesus.<sup>9</sup>

A morte de Jesus, as esperanças mortas dos discípulos, o novo ânimo destes após a ressurreição, o túmulo vazio e a fé na ressurreição constituem um testemunho objetivo da ressurreição.<sup>10</sup> Nesta mesma linha de pensamento, Little vai dizer que a sepultura vazia, as vidas revolucionadas dos discípulos, o Dia do Senhor (a mudança do dia de adoração do sábado para o domingo pelo motivo da ressurreição), a existência da igreja e a realidade observável ainda hoje acerca da transformação de vidas são evidências conclusivas da ressurreição.<sup>11</sup>

<sup>6</sup> MORRIS, Leon. *I Coríntios: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 166.

<sup>7</sup> PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE, W. Jr. *O mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2001. p. 117.

<sup>8</sup> BANCROFT, Emery H. *Teologia elementar: doutrinária e conservadora*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986. p. 165-168.

<sup>9</sup> LADD, Georg Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997. p. 299-300.

<sup>10</sup> LADD, 1997, p. 302-303.

<sup>11</sup> LITTLE, Paul E. *Saiba o que você crê*. Tradução de Yolanda M. Krievim. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. p. 49.

Se ainda for considerada a vida de Paulo ficará ainda mais extraordinário o caráter da transformação operada em sua vida. Sua história é narrada no livro de Atos: ele viu Jesus ressurreto, mas antes de conhecer o Senhor era perseguidor da igreja (At 26.10).<sup>12</sup> Depois de sua conversão,

[...] Paulo tornou-se um poderoso e impressionante pregador e mestre da igreja do primeiro século. E acabou também se tornando seu autor mais prolífico. Seus textos fornecem riqueza de detalhes sobre o papel crítico e insubstituível que a ressurreição exerce na vivência da fé cristã.

Nas cartas de autoria de Paulo, há 53 referências à ressurreição de Jesus. É a ressurreição que coloca e mantém em movimento toda a iniciativa do evangelho. [...].<sup>13</sup>

Percebe-se então que apesar da morte representar obstáculo para o desenvolvimento da vida humana, este quadro pode ser superado pela ressurreição de Jesus. Os primeiros discípulos de Jesus são testemunhas que demonstram o processo percorrido da incredulidade ao espanto da ressurreição. A ressurreição de Jesus é um fato histórico com rico testemunho, registrado nas Escrituras - que também descrevem o impacto da mesma na vida dos discípulos, que se tornaram ousados, corajosos e cheios de ânimo diante da derrota da morte com esperança da vida. A origem da igreja e da mensagem cristã tem por base um fato e realidade de fé: a ressurreição de Jesus, o Filho de Deus.

## 2. O CARÁTER DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

É relevante considerar o uso da palavra ressurreição. O Novo Testamento emprega dois grupos de palavras quando envolve o conceito, e

[...] Embora não possamos aplicar universalmente, podemos dizer que a regra geral no NT é que, em contraste com a LXX, a ação de Deus em e através de Cristo é expressada por *egeiro*, ao passo que *anhistemi* expressa, por assim dizer, aquilo que acontece no âmbito da experiência humana.<sup>14</sup>

O sentido da palavra “*egeiro*” envolve: acordar; despertar; levantar; ajudar a levantar; levantar dos mortos; suscitar; dar existência.<sup>15</sup> E como a própria citação anterior

<sup>12</sup> MARSHALL, 1991, p. 146.

<sup>13</sup> PETERSON, Eugene. *Viva a ressurreição: o princípio da formação espiritual*. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 91.

<sup>14</sup> COENEN, Lothar. *Ressurreição*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 2, p. 2073.

<sup>15</sup> GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento*. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 62.

indica, “*egeiro*” é normalmente utilizada para descrever a ação de Deus em e através de Cristo. Neste sentido também Morris comenta o texto de 1 Coríntios 15.4 em que o conceito grego “*egetai*” significa “ele foi ressuscitado”, indicando a necessidade do passivo na tradução (algo de certa forma geral em todo o Novo Testamento), o que dá ênfase à atividade do Pai ressuscitando o Filho. Além disso, observa o tempo perfeito que aparece mais seis vezes no capítulo (v. 12,13,14,16,17,20) indicando os resultados permanentes do acontecimento.<sup>16</sup> Sendo assim, o uso de uma palavra para falar da ressurreição de Cristo parece indicar semelhança e ao mesmo tempo diferença a respeito da ressurreição de Cristo e dos cristãos, porém é enfático no sentido de destacar os efeitos da ressurreição de Jesus.

Há uma distinção da ressurreição de Cristo e das ressurreições operadas por Ele na filha de Jairo, no filho da viúva de Naim e em Lázaro.<sup>17</sup> Berkhof diz que ao chamar Cristo de “as primícias dos que dormem” (1Co 15.20) e “primogênito de entre os mortos” (Cl 1.18; Ap 1.5) Paulo está propondo que a ressurreição de Jesus significou muito mais do que a junção do corpo à alma.<sup>18</sup> Neste mesmo sentido é observado que “a ressurreição de Jesus não é a restauração, de um corpo morto, à vida física; ela é o surgimento de uma nova ordem de vida”.<sup>19</sup> Uma nova espécie de vida humana, perfeita e não sujeita à corrupção, indicando que o novo corpo de Jesus teria uma dimensão tanto espiritual quanto física.<sup>20</sup>

Ao destacar a palavra “poder” é caracterizada a eficácia de Deus na ressurreição de Jesus Cristo e este poder que o ressuscitou (Ef 1.19-20; Cl 2.12) é o poder que derrota o inimigo final do ser humano, a morte.<sup>21</sup> A ressurreição não pode ser atribuída apenas ao poder de Deus de uma forma geral, mas ao Deus Triúno, porque Jesus disse ter autoridade para reaver sua própria vida (Jo 10.18; 11.25; 2.19-21) e há menção desta realidade a partir do Espírito conforme implícito em Rm 8.11.<sup>22</sup> Champlin vai afirmar que a ressurreição aconteceu pelo poder de Deus (At 2.24; 3.15; Rm 8.11; Ef 1.20; Cl 2.12), pelo próprio poder de Cristo (Jo 2.19; 10.18) e pelo poder do Espírito Santo (1Pe 3.18).<sup>23</sup> Mas alguns autores, como Grudem, descrevem apenas Deus Pai e Jesus como

<sup>16</sup> MORRIS, 1999, p. 165.

<sup>17</sup> MORRIS, 1995, p. 1394-1397.

<sup>18</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1990, p. 347.

<sup>19</sup> LADD, 1997, p. 306-307.

<sup>20</sup> GRUDEM, Wayne A. *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã*. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida, 2001. p. 285-287

<sup>21</sup> BARCLAY, William. *As obras da carne e o fruto do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 55

<sup>22</sup> BERKHOF, 1990, p. 347-348.

<sup>23</sup> CHAMPLIN, 2002, Vol. 5, p. 679.

operantes na ressurreição.<sup>24</sup>

Também a universalidade de Cristo é afirmada após a ressurreição por meio da passagem de Mateus 28.20 em que Jesus diz “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.<sup>25</sup> Considerando que Jesus falou isso após a ressurreição, o destaque recai sobre o fato de que agora Cristo não mais se limita à forma de vida adquirida mediante a encarnação, mas à ressurreta.

A “ressurreição de Cristo foi a completa derrota do pecado, da morte e do maligno. Jesus não morreu como vítima. Ele morreu como conquistador”.<sup>26</sup> Ela faz parte do seu estado de exaltação. Cristo recebe novamente a glória que tinha antes que o mundo existisse e faz pleno uso dos seus poderes que possuía antes do período de sua humilhação. Este estado de exaltação se estabelece primeiro através da ressurreição e depois da ascensão de Cristo.<sup>27</sup> Severa igualmente fundamenta este pensamento dizendo que:

Desde a reforma, a cristologia descreve a pessoa de Cristo como um personagem que passou por dois estados ou estágios: um de humilhação e outro de exaltação. Esses dois estágios foram referidos na profecia (Is 52.13,14; 53.1-3,11,12), e confirmados nos escritos do Novo Testamento (Fp 2.6-11; 1Pe 1.11).

[...] Pela ressurreição e ascensão, Cristo passou para o estado de exaltação. Voltou a receber aquela glória que ele tinha antes da encarnação (At 7.55; Jo 17.5; Fp 2.9-11). Nesse estado, Cristo assentou-se à Destra de Deus, na glória que tinha antes da encarnação, e passou a exercer todos os atributos divinos.<sup>28</sup>

Somente Lucas descreve a ascensão de Jesus como algo visível apesar do evento ser confirmado em outros lugares (1Tm 3.16; 1Pe 3.21-22), e o faz de forma como nas várias passagens em que a ressurreição de Jesus é compreendida não apenas como Sua volta dentre os mortos, mas como exaltação à destra de Deus (At 2.33-35).<sup>29</sup>

Em um sentido negativo, Boor comenta a experiência de Paulo no Areópago compartilhando sobre a ressurreição. Ele vai dizer que a ressurreição dentre os mortos naquele contexto de incredulidade constituiu-se no inconcebível e impossível para o ser humano e por isso também algo escandaloso, irritante e

<sup>24</sup> GRUDEM, 2001, p. 287.

<sup>25</sup> CONNER, Walter Thomas. *O evangelho da redenção*. Tradução de David Gomes e Jabes Torres. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. p. 109.

<sup>26</sup> CONNER, 1981, p. 108.

<sup>27</sup> LANGSTON, A. B. *Esboço de teologia sistemática*. 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. p. 186.

<sup>28</sup> SEVERA, Zacarias Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: A. D. Santos, 1999. p. 237-238.

<sup>29</sup> MARSHALL, 1991, p. 59.

ridículo (At 17.32).<sup>30</sup> Indiscutivelmente, a experiência cristã - mesmo com base no testemunho histórico - requer do ser humano a experiência da fé.

O caráter profético (que verifica a importância da ressurreição para a revelação) e salvífico (que designa os efeitos da ressurreição nos cristãos) da ressurreição de Cristo é considerado com maior detalhe por sua abrangência.

No sermão de Pedro proclamado por ocasião do Pentecostes (At 2.14-42) a ressurreição de Cristo passa a ser vista à luz da profecia, e posteriormente Pedro vai falar de Jesus como Servo de Deus, o Santo e Justo, o Autor da vida e o Profeta como Moisés (At 3.11-26) - indicando que havia investigação das Escrituras e meditação sobre a nova realidade acerca de Jesus.<sup>31</sup> Vários outros textos das Escrituras podem ser relacionados indicando a ressurreição como predita pelos profetas (Sl 16.10 com At 13.34-35; Is 26.29) e predita pelo próprio Jesus (Mt 20.19; Mc 9.9, 14.28; Jo 2.19-22). Ela era necessária para: o cumprimento das Escrituras (Lc 24.45-46); o perdão dos pecados (1Co 15.17); a justificação (Rm 4.25, 8.34); a nossa esperança (1Co 15.19); a eficácia da pregação (1Co 15.14) e a eficácia da fé (1Co 15.14,17).

A ressurreição provou que Jesus era o Filho de Deus (Sl 2.7 com At 13.33; Rm 1.4) e foi confirmada pelos anjos (Mt 28.5-7), pelos apóstolos (At 1.22; 2.32; 3.15; 4.33) e pelos seus inimigos (Mt 28.11-15). Também foi defendida e pregada pelos apóstolos (At 25.19; 26.3). Ela é o emblema do novo nascimento (Rm 6.4; Cl 2.12). Cristo é as primícias de nossa ressurreição (At 26.23; 1Co 15.20,23). A verdade do Evangelho depende da ressurreição (1Co 15.14-15). Foi seguida pela exaltação de Cristo (At 4.10-11; Rm 8.34; Ef 1.20; Fp 2.9-10; Ap 1.18). É a garantia do julgamento (At 17.31). E ainda, foi tipificada em Isaque (Gn 22.13 com Hb 11.19) e Jonas (Jn 2.10 com Mt 12.40).<sup>32</sup>

Conforme observado acima, a revelação dependia da ressurreição. Esta foi tipificada<sup>33</sup> em Isaque e Jonas, predita pelos profetas e por Jesus, tida como necessária para comprovar e autenticar a Palavra de Deus e a vida de Jesus como Filho de Deus, tornando-se conteúdo da pregação e testemunho histórico.

A salvação é o compartilhar da vida de Cristo, vida que só é possível por causa da

<sup>30</sup> BOOR, Werner de. *Atos dos apóstolos*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003. p. 37.

<sup>31</sup> MARSHALL, 1991, p. 72, 89-90.

<sup>32</sup> CHAMPLIN, 2002, Vol. 5, p. 679.

<sup>33</sup> De acordo com Ada R. Harbershon, os tipos são compreendidos como uma sombra que oferece uma representação limitada de algo. Em seu livro é apresentado uma série de tipos referentes à ressurreição de Cristo (HARBERSHON, Ada R. *Manual de tipologia bíblica: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das Escrituras Sagradas*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003. p. 23, 47-52).

ressurreição. Esse é o poder atual que dinamiza a fé cristã.<sup>34</sup> “A vida da ressurreição é ativada por três verbos: preparar, batizar e ensinar”.<sup>35</sup>

Conforme já visto anteriormente, a ressurreição em termos de salvação está ligada com o perdão dos pecados, a justificação, a esperança, a fé, o novo nascimento, a ressurreição dos cristãos e o julgamento. Berkhof vai relacionar no mesmo sentido a derrota da morte, a justificação, o novo nascimento, a regeneração e a ressurreição futura dos que estão em Cristo.<sup>36</sup> Grudem confirma esta declaração dizendo que a ressurreição de Cristo assegura nossa regeneração (1Pe 1.3), nossa justificação (Rm 4.25) e o recebimento de um corpo ressurreto perfeito (1Co 6.14).<sup>37</sup>

Pentecost vai pontuar oito razões extraídas das Escrituras e que servem para confirmar o motivo pelo qual não era possível que a morte retivesse o corpo de Jesus Cristo: provar sua autenticidade, cumprir as profecias, dar vida aos homens e conceder-lhes poder, tornar-se o Cabeça da igreja, dar dons à igreja, comprovar a justificação e ser as primícias da grande colheita.<sup>38</sup> Neste mesmo sentido, Berkhof apresenta a ressurreição como prova de que Jesus foi enviado por Deus como seu Filho, prova acerca da imortalidade, a eficácia da obra de Cristo, a prova de que Deus aceitou o sacrifício e a prova do lugar que Cristo ocupa como o Cabeça da Igreja e Senhor Universal.<sup>39</sup>

Sendo assim, o caráter da ressurreição de Cristo é definido pela utilização de um conceito específico para a ressurreição de Cristo, pelo poder de Deus, pelo próprio poder de Cristo e do Espírito Santo e também pela universalidade de Cristo, Seu triunfo e exaltação fundamentando a profecia e a eficácia da salvação. Por isso se diz que o caráter da ressurreição de Cristo pelos elementos observados é singular, Triúno, universal, conquistador, de exaltação, profético e salvífico. O Deus Triúno testemunha diante dos homens o poder da vida em ressurreição, poder que não poderá se tornar real e operante diante da dureza e incredulidade do coração humano sem fé.

<sup>34</sup> LITTLE, 1997, p. 48.

<sup>35</sup> PETERSON, 2007, p. 87, 105. Peterson usa o texto de Mt 28.18-20 para descrever os critérios estabelecidos por Cristo para o relacionamento com Ele compreendendo o “preparar” como estilo de vida, o “batizar” como ato que nos mantém conscientes de nossa identidade e o “ensinar” como elemento da contínua experiência com Cristo e Seus seguidores.

<sup>36</sup> BERKHOF, 1990, p. 347.

<sup>37</sup> GRUDEM, 2001, p. 288-289.

<sup>38</sup> PENTECOST, J. Dwinght. *A sã doutrina*. Tradução de Cleide Zerlotti Wolf. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p. 134.

<sup>39</sup> BERKHOF, 1990, p. 350.

### 3. AS IMPLICAÇÕES DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO PARA A VIDA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

De maneira alguma pensar a prática cristã em relação à ressurreição de Cristo deve parecer menosprezo quanto às implicações espirituais, principalmente aquelas que dizem respeito à salvação dos cristãos. Porém, aqui o desafio é apontar sua relevância e influência para o dia a dia da vida cristã.

Agora, as coisas começavam a ficar claras para aqueles discípulos - lembre-se de que já se haviam passados alguns dias - e eles estavam percebendo que a ressurreição também lhes trazia implicações pessoais e para as circunstâncias da vida de cada um deles.<sup>40</sup>

Os discípulos viram Jesus vencer a morte e isso tinha implicações diretas com seu modo de vida. Certamente a morte de forma geral é um dos elementos mais influenciadores do nosso modo de vida. Ela é algo paradoxal, ou seja, contraditório, pois quando não se pensa nela normalmente observa-se uma atitude indisciplinada na vida, exatamente quando se tem vida para viver. No entanto, quando nos deparamos com a impossibilidade de negá-la, quando a expectativa de vida é reduzida, então é valorizado aquilo que antes era desprezado: valoriza-se a vida quando se percebe que não será mais algo a ser desfrutado.

A morte é o grande fracasso do ser humano. É uma ideia fixa que o acompanha em todo o seu percurso e condiciona o seu viver como uma série de tentativas para derrotá-la. Este é o afã do ser humano: driblar a morte.<sup>41</sup>

Apesar de todas as tentativas de derrotar a morte, ela só aparece sem força na frase paulina “Onde está, ó morte a tua vitória?”. Esta frase define a atitude básica dos seguidores de Cristo.<sup>42</sup> Daqui se depreende a coragem e a habilidade para lidar com o medo da morte na vida cristã.

Seis textos são selecionados das cartas de Paulo com relação explícita da ressurreição de Jesus com a vida cristã e sua formação em andamento, indicando que não se trata apenas de uma ressurreição para o futuro, mas para a atualidade da experiência com Ele (Rm 6.4; 8.11; Ef 2.6; Fp 3.10; Cl 2.12; 3.1).<sup>43</sup> De forma especial, expressões referentes ao primeiro e ao último texto são as mais claras e apontam para a prática da vida cristã ao dizer “andemos em novidade de vida” e “buscai as coisas

<sup>40</sup> PETERSON, 2007, p. 60.

<sup>41</sup> FÄRBER, 2009, p. 83.

<sup>42</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 216.

<sup>43</sup> PETERSON, 2007, p. 91.

lá do alto”. A ressurreição produz vida nova e interesse por aquilo que só pode ser encontrado em Deus.

Outras realidades podem ser observadas acerca dos cristãos em relação à ressurreição: são gerados para uma vívida esperança (1Pe 1.3,21), desejam conhecer seu poder (Fp 3.10), devem manter-se na lembrança da ressurreição (2Tm 2.8) e ressuscitarão de forma semelhante a Cristo (Rm 6.5; 1Co 15.49 com Fp 3.21).<sup>44</sup> Por isso, esperança, expectativa e lembrança são elementos que devem estar vívidos no cristão a partir da doutrina da ressurreição.

A ressurreição de Jesus passa a autenticar da forma mais concreta possível seu ensino sobre a vida eterna e a constituir a maior fonte de esperança para todo ser humano. Como diz Ladd, “Não foi a fé dos discípulos que criou as histórias da ressurreição; foi um evento atrás dessas histórias que deu origem à fé”.<sup>45</sup> Viver pela fé tem uma origem e um fundamento histórico, a vida e obra de Jesus Cristo, isto inclui particularmente Sua ressurreição: esperança, expectativa e lembrança.

É afirmado que a ressurreição de Jesus a partir da abordagem de Paulo em contraste com a filosofia hedonista (1Co 15.32 - “comamos e bebamos, que amanhã morreremos”) é o evento que separa o cristianismo de outras filosofias. “Sem a ressurreição, a mensagem cristã é reduzida à de uma filosofia humana”.<sup>46</sup> O hedonismo é uma tendência social crescente, porém, como diz Lipovetsky, está sendo despojado de sua glória triunfante sobre a humanidade, pois de um ambiente de euforia passou-se a uma atmosfera dominada pela ansiedade.<sup>47</sup> Há assim uma implicação específica e superior que deve regular a prática de vida cristã, implicação que supera o hedonismo,<sup>48</sup> que agrega a si o esplendor do Cristo vivo, ressurreto. Peterson faz o que podemos chamar de um contraponto em relação ao “comamos e bebamos, que amanhã morreremos”, pois ele diz que ao desconsiderarmos a formação espiritual distante de aspectos comuns e corriqueiros da vida como uma refeição, nos afastamos do ideal.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> CHAMPLIN, 2002, Vol. 5, p. 679.

<sup>45</sup> LADD, 1997, p. 303.

<sup>46</sup> HABERMAS, G. R. Ressurreição de Cristo. In: ELWELL, Walter A. (Edit.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 1, p. 290.

<sup>47</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri-SP: Manoele, 2007. p. 4.

<sup>48</sup> Hedonismo: “Termo que indica tanto a procura indiscriminada do prazer quanto a doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível, portanto como fundamental à vida moral. [...] O prazer é o princípio de uma vida feliz” (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 578.).

<sup>49</sup> PETERSON, 2007, p. 64. Peterson está explorando o fato de que Jesus, por ocasião de Sua ressurreição, usou a refeição com os discípulos de Emaús e também na praia da Galiléia para conversar com eles e manifestar-se, transformando algo corriqueiro em um momento especial.

A ressurreição também tem relevância ética, incentivando a nossa obediência a Deus nesta vida (1Co 15.58), dando enfoque na recompensa celestial (1Co 15.17-19,32) e não dando espaço para o pecado (Rm 6.11-13).<sup>50</sup> A partir disso o cristão tem um modo de vida marcado pela obediência, busca outro tipo de riqueza que não a material e coloca-se numa posição específica em relação a tudo aquilo que o mundo oferece e que está na contramão de Deus.

Gutzke expressa a expectativa do ser humano diante da ressurreição dizendo:

[...] Gostaria de me ver livre de coisas que me embaraçam, aborrecem-me e me causam preocupações. Todavia sinto um frêmito de emoção quando vejo que me é possível, sim, livrar-me de tudo isso. Libertação de tudo quanto serve de estorvo ou magoa fez-se possível com a ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos.<sup>51</sup>

Se não é possível ainda viver plenamente liberto desta realidade limitada, é no mínimo possível viver a inauguração da ressurreição, do poder de Deus em nós.

Para isso, Peterson usa o contexto da ressurreição para falar de “fascínio” como elemento para a formação espiritual de um cristão. O fascínio é decorrente do espanto e assombro pelas circunstâncias da ressurreição de Cristo. Porém, lidamos com a formação espiritual como se fosse um projeto desenvolvido por conta própria, quando não é - ressurreição é algo de Deus. Peterson ainda diz que sem o fascínio nossa formação espiritual se transforma em hiperatividade moral ou em competição religiosa.<sup>52</sup>

A proposta é de que o fascínio faça parte de nossa formação cristã, de nossa jornada como peregrinos. Oportunizar a surpresa, experimentar o não planejado, valorizar todas as pessoas ao nosso redor como potencial instrumento de Deus, experimentar a grandeza das coisas simples, discretas e deixar o medo tornar-se temor. É uma proposta de relacionamento com Deus que reconhece o ambiente histórico da ressurreição.

Peterson ainda vai advertir que:

<sup>50</sup> GRUDEM, 2001, p. 290.

<sup>51</sup> GUTZKE, Manford G. *Manual de doutrina: temas centrais da fé cristã*. Tradução de David A. de Mendonça. 2. ed. São Paulo: 1995, p. 124.

<sup>52</sup> PETERSON, 2007, p. 21-27. Peterson menciona cinco realidades que envolviam a vida das pessoas que estavam em torno da ressurreição: a falta de planejamento (é a surpresa da ressurreição, ninguém estava preparado para ela), a inutilidade dos especialistas (os fariseus e essênios não compreendiam o que estava acontecendo), o destaque dos marginalizados (as mulheres recebem atenção - Deus usa pessoas que não imaginamos como instrumentos em nossa vida), a discricção (a ressurreição foi inicialmente algo discreto, envolvendo poucas pessoas) e, por fim, o temor (o medo que se transforma em temor, sensação de fascínio). O fascínio tem sua textura designada nos cinco elementos relacionados.

Algo que nos acontece com relativa frequência é o desligamento entre nossa identidade cristã e Deus, entre nossos amigos e Deus, entre nosso trabalho e Deus. Quando isso acontece, a vida se esvai e sobra só conversa sobre Deus. É como se houvesse um vazamento de vida e nós ficássemos semelhantes a um pneu furado.<sup>53</sup>

Neste sentido, identificar-se com Jesus é identificar-se com a vida, é fazer de todas as oportunidades um momento para se surpreender com Deus.

A ressurreição de Jesus deve ocupar o centro de toda formação espiritual cristã, contrastando com: o psicologismo - que reduz a experiência a meras explicações e manipulações; com o escapismo - caminho do esoterismo; e com o profissionalismo que terceiriza a espiritualidade para supostos especialistas.<sup>54</sup>

Por fim, Bunyan de maneira vívida desenvolve a alegoria simbólica que retrata o destino final daqueles que se renderam a Cristo. A ressurreição de Jesus é o que permite a esperança do peregrino. Ele consegue olhar para a eternidade e se ver no seu contexto próprio.

Nesta terra, o sol brilha noite e dia, pois já estavam além do Vale da Sombra da Morte e do alcance do gigante Desespero. Desse lugar tampouco se avistava o Castelo da Dúvida. Dali já enxergavam a cidade para onde se dirigiam.<sup>55</sup>

A caminhada do peregrino, superando a morte e o desespero e ainda contemplando o brilho contínuo do sol que, por resultado lógico, significa ausência de trevas, coloca-o em contemplação da cidade em que irá morar e encontrar Seu ressurreto e glorificado Redentor Jesus.

Com o intuito de encontrar resposta para a prática da vida cristã com base no evento que deu sua origem foi possível observar diversos desafios para a mesma, dentre eles: condicionar a vida não mais pelo medo da morte, mas pela esperança da ressurreição; viver uma nova vida com novos e divinos interesses; superar ou permitir ser transformada a filosofia hedonista de maneira que a comunhão se torne elemento cristão; compreender a relevância ética que aponta para a obediência, santidade e expectativa; permitir a si mesmo crer na superação de realidades pessoais antes intransponíveis; oportunizar o fascínio da ressurreição dando espaço para a surpresa, para o não planejado, para as pessoas e para o temor; reconhecer a implicação de uma

<sup>53</sup> PETERSON, 2007, p. 44.

<sup>54</sup> PETERSON, 2007, p. 84-85.

<sup>55</sup> BUNYAN, John. *O peregrino*. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 221-222.

identidade - a cristã; superar o psicologismo com suas explicações, o escapismo com seu esoterismo e o profissionalismo com a terceirização da experiência da fé; e por fim, permitir o encontro da alegoria onde se sonha e imagina com a esperança da fé no ressurreto e glorioso Senhor Jesus Cristo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi realizada uma caminhada através da doutrina da ressurreição, desde a experiência inicial dos primeiros discípulos, perpassando a compreensão do caráter da ressurreição de Cristo e finalizando com a compreensão acerca das implicações práticas da ressurreição para a vida cristã.

Acerca da experiência inicial da ressurreição observou-se que mesmo que a morte represente um obstáculo para o desenvolvimento da vida humana, este quadro pode ser superado ou transformado pela compreensão da ressurreição de Jesus. Os primeiros discípulos de Jesus são testemunhas que demonstram o processo percorrido da incredulidade ao espanto e compreensão da ressurreição. A ressurreição de Jesus é um fato histórico com rico testemunho, registrado nas Escrituras - que descrevem o impacto da mesma na vida dos cristãos, que se tornaram ousados, corajosos e cheios de ânimo diante da derrota da morte com a esperança da vida. Compreende-se então que a origem da igreja e da mensagem cristã tiveram por base um fato e realidade de fé: a ressurreição de Jesus, o Filho de Deus.

Na continuidade verificou-se que o caráter da ressurreição de Cristo é definido desde a utilização de um conceito específico para a ressurreição de Cristo, pelo poder de Deus, pelo próprio poder de Cristo e do Espírito Santo. Pela universalidade de Cristo, Seu triunfo e exaltação fundamentando a profecia e a eficácia da salvação. Por isso se diz que o caráter da ressurreição de Cristo pelos elementos observados é singular, Triúno, universal, conquistador, de exaltação, profético e salvífico. O Deus Triúno testemunha diante dos homens o poder da vida em ressurreição, poder que não poderá se tornar real e operante diante da dureza e incredulidade do coração humano sem fé.

E para finalizar o presente artigo tendo em vista o intuito de encontrar resposta para a prática da vida cristã com base no evento que deu sua origem, foi possível observar diversos desafios para a mesma, dentre eles: condicionar a vida não mais pelo medo da morte, mas pela esperança da ressurreição; viver uma nova vida com novos e divinos interesses; superar ou permitir ser transformada a filosofia hedonista de maneira que a comunhão se torne elemento cristão; compreender a relevância

ética que aponta para obediência, santidade e expectativa; permitir a si mesmo crer na superação de realidades pessoais antes intransponíveis; oportunizar o fascínio da ressurreição dando espaço para a surpresa, para o não planejado, para as pessoas e para o temor; reconhecer a implicação de uma identidade - a cristã; superar o psicologismo com suas explicações, o escapismo com seu esoterismo e o profissionalismo com a terceirização da experiência da fé; e por fim, permitir o encontro da alegoria onde se sonha e imagina com a esperança da fé no ressurreto e glorioso Senhor Jesus Cristo.

De forma geral, é possível observar a abrangência da temática e incitar aquilo a que se propôs em termos de (re)configuração da vida cristã a partir da doutrina da ressurreição de Cristo. De maneira alguma o artigo esgota o assunto, antes levanta a bandeira do desafio para continuar a peregrinação na compreensão da ressurreição de Jesus Cristo e sua inferência na história e vida humana.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BANCROFT, Emery H. **Teologia elementar: doutrinária e conservadora**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986.
- BARCLAY, William. **As obras da carne e o fruto do Espírito**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.
- BOOR, Werner de. **Atos dos apóstolos**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003.
- BUNYAN, John. **O peregrino**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. 6 volumes.

COENEN, Lothar. Ressurreição. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 2.

CONNER, Walter Thomas. **O evangelho da redenção**. Tradução de David Gomes e Jabes Torres. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

FÁRBER, Sonia Sirtoli. **A morte na teologia e na literatura**. Porto Alegre: Palloti, 2009.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUTZKE, Manford G. **Manual de doutrina: temas centrais da fé cristã**. Tradução de David A. de Mendonça. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GRUDEM, Wayne A. **Manual de teologia sistemática: uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida, 2001.

HABERMAS, G. R. Ressurreição de Cristo. In: ELWELL, Walter A. (Edit.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 1.

HARBERSHON, Ada R. **Manual de tipologia bíblica: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das Escrituras Sagradas**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

LADD, Georg Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997.

LANGSTON, A. B. **Esboço de teologia sistemática**. 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri-SP: Manoele, 2007.

LITTLE, Paul E. *Saiba o que você crê*. Tradução de Yolanda M. Krievim. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991.

MORRIS, Leon. *I Coríntios: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999.

\_\_\_\_\_. Ressurreição. In: DOUGLAS, J. D (Edit.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova: 1995. p. 1394-1397.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE, W. Jr. *O mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2001.

PENTECOST, J. Dwinght. *A sã doutrina*. Tradução de Cleide Zerlotti Wolf. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

PETERSON, Eugene. *Viva a ressurreição: o princípio da formação espiritual*. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SEVERA, Zacarias Aguiar. *Manual de teologia sistemática*. Curitiba: A. D. Santos, 1999.